

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIII - 2004

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SALETE DA PONTE

Professora-Coordenadora do Instituto Politécnico de Tomar

RETROSPECTIVA SOBRE *FÍBULAS PROTO-HISTÓRICAS
E ROMANAS DE PORTUGAL*

“Conimbriga” XLIII (2004) p. 199-213

RESUMO: Este texto é uma sùmula da investigaçaõ efectuada sobre o vasto universo de fíbulas datadas de desde o Bronze Final até ao advento da época suevo-visigótica, achadas em Portugal.

A autora propõe-se apresentar uma nova estrutura metodológica para o estudo das comunidades que as usaram.

RÉSUMÉ: Sommaire de la recherche effectuée sur le monde des fibules – datées du Bronze Finale jusqu’à l’époque suevo-visigothique – découvertes au Portugal.

On propose présenter une nouvelle approche méthodologique pour l’étude des systèmes sociaux des communautés qui faisaient usage de ces objets de parure et toilette.

(Página deixada propositadamente em branco)

RETROSPECTIVA SOBRE *FÍBULAS PROTO-HISTÓRICAS E ROMANAS DE PORTUGAL*

1. Prelúdio

Esta viagem pelo mundo das coisas passadas está, sobretudo, relacionada com o meu trabalho de tese de doutoramento *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*¹. Este trabalho, porém, foi o corolário de uma pesquisa científica, iniciada com a dissertação de licenciatura, em História², sobre *Fíbulas Pré-Romanas e Romanas de Conimbriga*.

É o reflexo sinóptico de um trajecto de busca científica para inúmeras questões relacionadas com o fascínio das técnicas de produção, o significado simbólico e ritual, sócio-cultural, político e económico dos artefactos de bronze, sobretudo das fíbulas do Bronze Final e da Idade do Ferro.

É também a súpula incontornável de um eixo de relação e de revelação, centrado no núcleo conimbricense, sobre o modelo e a abordagem metodológica assumidas, sobre a transversalidade dos processos genéricos e específicos aplicados ao objecto de investigação – definidas a estrutura metodológica, a complexidade do campo em análise e as múltiplas formas específicas de matização das fíbulas, como *fóssil director* ou como elemento transversal de diversos espaços e lugares culturais.

¹ Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2001.

² Tese de licenciatura em História apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1973.

2. Sinopse

O *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Romanas e Romanas de Portugal*³ reúne um vasto grupo de fíbulas achadas em Portugal, desprovidas na sua maioria de contextos arqueológicos seguros.

Os quadros sinópticos (Q1a-1f) aqui ilustrados permitem reconhecer o segmento tecnomorfológico e tipológico das fíbulas mais representativas de um vasto leque de modelos relacionados com as múltiplas etapas de desenvolvimento das comunidades regionais da Península Ibérica, desde o Bronze Final à decomposição do mundo romano e advento da época suevo-visigótica.

Este trabalho consubstancia, no meu entender, três principais segmentos estruturantes:

- Sistematização de mais de um milhar de fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal, existentes nos fundos dos museus do país;
- Cartografia de dispersão destes objectos metálicos em Portugal e estabelecimento de assimetrias e afinidades tecno-culturais com os demais paralelos peninsulares conhecidos;
- Definição de uma nova filosofia axiológica, especificando características e morfologias dos padrões físicos, com as suas periferias, evoluções e resistências.

Assim, com base no acervo bibliográfico e no vasto reportório de fíbulas então reunidas, entendeu-se explorar as seguintes vias metodológicas:

- Estudo individual e integrado das fíbulas como “fossil arqueológico”;
- Estudo analógico e interpretativo das fíbulas “num tempo e lugar concretos”;
- Integração da fíbula como uma das peças essenciais para o conhecimento dos sistemas sociais das comunidades que habitaram Portugal.

³ A publicação deste trabalho está prevista para este ano (2004), num dos números de *Trabalhos de Arqueologia* (IPA/IPPAR).

2.1. *Fíbulas*

As manchas de dispersão dos vários tipos de fíbulas conhecidas em solo português permitem-nos estabelecer patamares de evidência geo-histórica de alguns marcos culturais relacionados com a produção, controle, circulação e consumo destes objectos metálicos.

As inúmeras fíbulas aqui estudadas estão distribuídas por 5 manchas de distribuição geográfica: Carta I (Bronze Final); Carta II (Bronze Final/1ª Idade do Ferro); Carta III (1ª Idade do Ferro); Carta IV (2ª Idade do Ferro/Proto-Romano); Carta V (Romano/Pós-Romano).

As primeiras fíbulas emergem, pela primeira vez, em monumentos figurativos. Estas representações iconográficas no Sudoeste Peninsular, como a fíbula de *codo com antenas* gravada na estela de *TORREJÓN DEL RUBIO II*, corresponderá, pelo menos, aos meados ou finais do II milénio a. C., com larga sobrevivência até ao I milénio a. C. A estela de *Ervidel* (Beja) é, em território português⁴, a primeira representação iconográfica de uma fíbula do Bronze Final que, pelo seu perfil estilizado, corresponderá a um exemplar de *arco multicurvilíneo, de mola unilateral* (PONTE 1b), ou seja, a uma peça dos finais do séc. X a. C. – IX a. C. No entanto, a fíbula do *Abrigo Grande das Bocas* (Rio Maior-Santarém), já publicada por Carreira⁵ e, infelizmente, não incluída neste estudo é, no nosso entender, um exemplar de *cotovelo aberto*⁶, ou seja, o arquétipo directo da fíbula de *arco multicurvilíneo, de mola unilateral* (PONTE 1a). Aquele modelo ocorre com frequência na bacia ocidental do Mediterrâneo, entre os sécs. XII a. C. e o X a. C. Ora, as primeiras fíbulas de *arco multicurvilíneo* (PONTE 1), sucessoras directas das fíbulas de *codo*, aparecem em diferentes áreas culturais de Portugal (Carta I), o que faz supor uma intensa actividade comercial entre as diferentes comunidades atlântico-mediterrânicas durante o II e o I milénio a. C. (1100-940 a. C.). Esta tendência intensifica-se originando directa e indirectamente transformações sócio-económicas e ideológicas du-

⁴ GOMES, Mário Varela, O Oriente no Ocidente. Testemunhos Iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçados, *Estudos Orientais*, Lisboa, 1990 (1), pp. 53-106 (Fig. 7C).

⁵ CARREIRA, Júlio Roque, A Pré-História Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior), *Trabalhos de Arqueologia de EAM*, Lisboa, 1994 (2), pp. 47-144 (Est. XXXIII, n.º 1).

⁶ GRACIA Y ASENCIO, J. J. S., *La Fibula en la Hispania Antigua: las Fíbulas Proto-Históricas del Suroeste Peninsular*, Madrid, 1989 (p. 129, fig. I-20).

rante o Bronze Final. Os materiais exumados de *habitats*, necrópoles e recintos fortificados do Bronze Final reflectem o panorama geo-histórico dos vários pólos regionais de Portugal. Estes funcionam como elementos catalizadores de ocorrências supra-regionais e diacrónicas, oriundas da Fachada Atlântica Europeia, da faixa oriental e ocidental dos Pirinéus, correspondente à 1ª vaga indo-europeia e aos contactos de longa distância do mundo mediterrâneo oriental e central.

As fíbulas de tipo PONTE 1 a PONTE 7 achadas no território português revelam entre si afinidades tecnomorfológicas decorrentes de um fabrico local e peninsular; denunciam igualmente uma estrutura sócio-económica decorrente do sistema de *Wealth Finance*, que assegurava a circulação de produtos metálicos e de outros *bens de prestígio*. Estes produtos metálicos, a par de objectos de prestígio sócio-ideológico, atestam uma *inter facies* das unidades culturais catalizadoras da exploração, comercialização e controle das jazidas de cobre, estanho, chumbo e ouro. Provam-no os vestígios de oficinas metalúrgicas com moldes, cadinhos e restos de fundição descobertos no espaço designado de *Grupo Baiões/Santa Luzia*. Estes testemunhos arqueo-históricos evidenciam uma unidade cultural homogénea centrada essencialmente na Beira Alta (bacias do Médio e Alto Mondego e Médio e Alto Vouga). Estamos em crer que este grupo de fíbulas do Bronze Final, para além das conexões atlântico-mediterrânicas evidenciadas, funcionariam como uma espécie de senha de aliança e de salvo-conduto entre as sociedades de *elite* local e as que gravitavam em torno das principais unidades sócio-económicas do Bronze Final.

A distribuição e concentração geográfica destes objectos de bronze (Mapa I=*PONTE 1a-1b*) dão-nos uma primeira imagem de povoamento do Bronze Final em Portugal. Por outro lado, a par de novos “habitats” recentemente escavados, estes objectos e os recentes artefactos contextualizados, poderão concorrer para um melhor conhecimento dos povoados proto-históricos de Portugal e as suas relações/influências cometidas com outros núcleos peninsulares e extra-peninsulares. Ora detenhamo-nos sobre a cartografia de dispersão destes objectos de bronze, sobretudo no espaço estremenho. Parece-nos que esta área desempenharia no Bronze Final uma espécie de plataforma geo-estratégica de controle e circulação de bens e produtos provenientes de diferentes sítios culturais. Em suma, os modelos primitivos de fíbulas do Bronze Final (*PONTE 1 a PONTE 7*) achadas nos povoados de Portugal revelam um intercâmbio comercial a longa distância, quer com as

regiões do Mar Báltico, quer com as do Mediterrâneo Central (Chipre e Sardenha). Portugal no designado Bronze Atlântico assume um papel relevante e significativo nos múltiplos contactos a longa distância, havendo uma comparticipação *geográfica* ao nível de influências tecnológicas e sócio-ideológicas. Convergem matérias-primas exóticas (nódulos de âmbar) e artefactos supra-regionais para todo o território peninsular, concorrendo para a emergência de produções específicas no espaço peninsular. As recentes ocorrências de achados contextualizados em depósitos do Bronze Final, no actual território português e, em particular, a análise espectrográfica a artefactos do Noroeste Peninsular, Beiras, Estremadura/Vales do Tejo e do Sado e Sul de Portugal têm contribuído para a identificação e estabelecimento de algumas *famílias metalúrgicas* bem representativas. Destacam-se certos produtos de artesanato de bronze, como as armas, os machados e adornos, com evidência para os torques, braceletes de ouro maciço e certas fíbulas de arco *multicurvilíneo* (PONTE 1), *Sem Mola* (PONTE 2), *Dupla Mola* (PONTE 3) e de tipo *Alcores* (PONTE 8); as outras produções (PONTE 4 a PONTE 7) denunciam influências exógenas que poderão corresponder a artigos de importação ou a cópias de modelos provenientes da faixa ocidental pirenaica.

A riqueza e variedade artefactual do Bronze Final está, assim, directamente associada ao desenvolvimento e poder das elites locais, que garantiam não só a produção e circulação de armas, objectos de adorno e utensílios metálicos, mas também o controle de áreas envolventes, com percursos e pontos de passagem indispensáveis para o interior da paisagem montanhosa e oro-hidrográfica.

As sub-regiões do Ribatejo e da Estremadura garantiriam, por seu turno, a circulação do estanho, ouro e cobre, bem como o escoamento de bens e produtos entre o Noroeste e o Sudoeste. Estes artefactos metálicos, entre os quais destacamos as fíbulas, parecem funcionar como *bens de prestígio* ou como *sinais exteriores de riqueza* das elites do Bronze Final.

O período geo-político do Bronze Final/I Idade do Ferro revela uma nova estratégia cultural veiculada pelos mercadores fenícios, onde emerge um vasto grupo de produções tartéssicas (Mapas II-III).

As áreas culturais do Médio Douro, Médio Tejo, Alto e Médio Ebro evidenciam, através da cultura material exumada em *habitats* e necrópoles, várias trajectórias culturais durante este período crítico do Bronze Final/I Idade do Ferro. Surgem então nesta fase de *fronteira* histórica grandes produções peninsulares, sobretudo de influência medi-

terrânica. Citemos as fíbulas de tipo *Alcores* (PONTE 8), *Bencarrón* (PONTE 10), *Acebuchal* (PONTE 9) e *Golfo de Leão* (PONTE 11) directamente associadas ao grupo de produções tartéssicas. Associam-se a estas peças de marca proto-oriental alguns modelos arcaicos de fíbulas anulares hispânicas (PONTE 17 e PONTE 21).

A dispersão das fíbulas do Bronze Final/I Idade do Ferro nos povoados portugueses não provocaram inicialmente rupturas ou transformações bruscas no *status quo* estabelecido.

Os *bens de prestígio* comercializados pelos Fenícios nos centros de produção peninsular não teriam concorrido inicialmente para transformações profundas da produção indígena, como nos atestam os fabricos metálicos e a olaria. As alterações tecnomorfológicas tornar-se-iam mais evidentes nos finais do séc. IX /inícios do VIII a. C.

A dispersão cartográfica das fíbulas do Bronze Final/Iª Idade do Ferro (Mapa II = PONTE 1c; PONTE 2; PONTE 3a; PONTE 4 a PONTE 6; PONTE 8a; PONTE 10a-10b) e a de alguns novos modelos brônzeos (Mapa III = PONTE 3b; PONTE 7; PONTE 8b; PONTE 9a-9b; PONTE 11a-11b; PONTE 14a; PONTE 17a a PONTE 17c; PONTE 19-PONTE 20; PONTE 21a; PONTE 22a-22b; PONTE 23) revelam pistas consistentes sobre a metalurgia do bronze e do ferro, sobre a problemática tecnológica comum aos artífices de ambas as etapas da Proto-História das comunidades metalúrgicas sediadas no território português. É importante referir ainda o contraste de distribuição e concentração destes objectos de adorno nos povoados entre o Minho e o Douro/Vouga e as outras regiões a sul do Mondego, sobretudo entre os vales do Médio Tejo e Sado.

Certos modelos de *Dupla Mola* (PONTE 3), falso *ad occhio* (PONTE 10b/2), de tipo *Alcores* (PONTE 8) e *Bencarrón* (PONTE 10), revelam já uma certa tendência de assimilação e imitação do produto exógeno orientalizante, sobretudo nas faixas da Estremadura Atlântica, Ribatejo e Sul de Portugal. Esta dupla influência centro-oriental faz-se sentir essencialmente por duas vias de comunicação: uma, pela via marítima através do vale de Guadalquivir, Sado, Baixo Tejo e Baixo Mondego; outra, pela Meseta e Estremadura Espanhola através do vale Médio do Douro, Alto Mondego, Alto e Baixo Vouga (Mapa III).

Os vestígios de metalurgia do bronze, do ferro e de ourivesaria identificados nas várias unidades regionais de Portugal revelam um *interface* diacrónico de desenvolvimento e de aculturação dos locais de

habitat em zonas de fronteira ou de charneira, espaço por onde circulava a mercadoria, entre a produção indígena do Bronze Final e a I Idade do Ferro de natureza orientalizante ou mediterrânica.

Surge então, no Noroeste Peninsular, uma nova orientação metalúrgica evidenciada pelo fabrico de objectos de ouro e de bronze. Assiste-se à emergência da cultura castreja do Noroeste Peninsular durante a I Idade do Ferro num universo diacrónico de comunidades regionais da fachada ocidental da Península. As áreas regionais do Norte e Noroeste Peninsular, sobretudo a fachada ocidental atlântica, denotam pela diversidade da cultura material conhecida as constantes relações pré-coloniais efectuadas entre o Sudoeste e o Norte da Península, através das Mesetas e das vias fluviais peninsulares. A pluralidade de vias comerciais e os vários corredores tecno-culturais existentes durante a I Idade do Ferro entre o Norte, Centro Interior e o Sul de Portugal, concorreram para o desenvolvimento diferenciado de áreas culturais, com evidência para as assimetrias tecnológicas reveladas pela cultura material.

A metalurgia do ferro e o uso do torno na produção cerâmica são os novos indicadores tecnológicos do quadro etnocultural das comunidades do actual território português. Há uma convergência de técnicas e culturas nos povoados do Norte, Centro e Sul de Portugal. As incursões de sucessivos movimentos célticos originários da Meseta durante o séc. VIII a. C. – VI a. C. e os elementos maciços provenientes do Mediterrâneo Oriental originam uma nova geografia das comunidades indígenas de Portugal e consequente criação de artesanato sidérico documentado nos substratos da cultura castreja e nos povoados do Centro e Sul de Portugal. Provocam a falência e o colapso sócio-económico de *certos lugares centrais*, como o do *mundo Baiões/Santa Luzia*. Este período crítico corresponde a um cenário de transformação sócio-cultural e etno-ideológico lento dos povoados de Portugal, que poderemos associar aos primeiros padrões da fíbula anular hispânica (PONTE 14; PONTE 17 a PONTE 21) e às fíbulas de *pé alto* com botão (*Fussierfibeln*), sucessoras da fíbula de tipo PONTE 9 (*Acebuchal*). Esta nova realidade geo-política gera novos pólos sócio-económicos e etno-culturais com um forte sistema de produção e uma metalurgia do ferro mais especializada, a par da metalurgia do bronze e ourivesaria (Mapa IV = PONTE 12a; PONTE 13a; PONTE 13c a PONTE 13e; PONTE 14b; PONTE 15a-15b; PONTE 16a-16b; PONTE 18a-18b; PONTE 23/32; PONTE 24a a PONTE 24c; PONTE 25 a PONTE 27; PONTE 28.2d; PONTE 29.1-29.2; PONTE 30.3; PONTE 31; PONTE 32a a PONTE

32c; PONTE 33a-33b; PONTE 34 e PONTE 35; PONTE 39a-39b; PONTE A50.1a-A50.2a).

As técnicas de fabrico usadas e desenvolvidas pelos metalurgistas do bronze, prata e ouro, apuram a alta qualidade de produção de artefactos de natureza utilitária ou de índole pessoal e artística.

Os povoados da I Idade do Ferro, sobretudo os das regiões do Norte, Noroeste e Centro-Interior, reservam uma abundância significativa de fíbulas de apêndice caudal de bronze, de tipo *PONTE 22 (Sabroso)*, *PONTE 23 (Santa Luzia)*, *PONTE 32 (Transmontano)* e *PONTE 33 (Meseta)*, ou a hibridez de alguns modelos provenientes de *CONIMBRIGA* e *VAIAMONTE (PONTE 23/32-33)*. Estas fíbulas apresentam uma evolução tecno-cultural similar e familiarizada com a *Cultura do Douro*, o que faz supor um comércio intenso e contínuo com a área mesetenha e o vale do Ebro. As populações peninsulares da II Idade do Ferro, sobretudo do Noroeste Peninsular, revelam entre os Sécs. V – III a. C., uma estrutura e estratégia de vida comunitária, progressiva e evoluída no plano sócio-económico, particularmente evidente na riqueza da cultura material e no padrão etno-espacial dos *povoamentos pré-romanos* peninsulares (Mapa IV).

A sobrevivência transversal de alguns modelos evoluídos celtibéricos (*PONTE 23/32 e 33*), sobretudo em contextos culturais romanizados, poderá estar relacionada com o novo quadro de ordenamento urbano dos núcleos de povoamento do nosso território, durante os períodos pré-romano e romano. Além disso, estas fíbulas teriam representado um duplo móbil de identidade sócio-cultural e de propaganda política, em momentos históricos diferenciados: um, ao serviço das comunidades celtibéricas e outro, através das tropas auxiliares indígenas, que integravam o exército romano. Este fenómeno de sobrevivência e de valência sócio-cultural parece estar directamente relacionado com o grau de complexidade e de desenvolvimento da metalurgia e da ourivesaria, como nos atestam os vestígios de artesanía local das estações do Norte de Portugal⁷.

A metalurgia do bronze e a ourivesaria circunscrevem-se então à produção de objectos de adorno, constituindo as fíbulas um dos achados de maior valor tecno-crono-cultural. Há ainda a referir o uso frequente

⁷ ALMAGRO GORBEA, Martín e TORRES ORTIZ, Mariana, Las Fíbulas de Jinete y de Caballito. Aproximación a las Elites Equestres y en Expansión en la Hispania Céltica, *Institución Fernando el Católico*, Zaragoza, 1999.

do eixo de ferro para a mola bilateral simétrica e unitária ou independente do arco, quer nas peças feitas por meio de forjamento, quer nas de fundição. Esta prática torna-se num dos caracteres técnicos mais usuais nas produções da II Idade do Ferro. Esta ambiência tecno-cultural do vale do Médio Douro/Alto Ebro projectada até ao Noroeste Peninsular apresenta alguns fluxos tecnomorfológicos de índole meridional, propagados pela via Guadalquivir. Referimo-nos à mola de charneira usada nalguns modelos de fíbulas anulares hispânicas (*PONTE 29.2*). A par destas produções celtibéricas, outros dois conjuntos emergem durante a II Idade do Ferro, sobretudo entre os sécs. III a. C. e o I a. C.: as fíbulas *zoomórficas* (*PONTE 27 – PONTE 31*) e as de *longo travessão sem espira* (*PONTE 37 a PONTE 39*).

O conjunto *zoomórfico* ocupa um período cronológico bastante dilatado, desde a II Idade do Ferro aos alvares do domínio romano na Península Ibérica. Apresentam características tecnomorfológicas e sócio-ideológicas das culturas celtibéricas proto-urbanas, preludiando o avanço tecnológico e consequente domínio romano. A representação animalística torna-se num dos valores rituais e sócio-políticos das elites peninsulares, sobretudo nas áreas célticas e celtibéricas da Península Ibérica. Estão nesta corrente ideológica os grupos de fíbulas de tipo *PONTE 28.2d*, *PONTE 29.e* e *PONTE 30*, os quais definem várias facetas das comunidades no território peninsular.

A representação do javali é uma das imagens peculiares e simbólicas do universo pré-romano dos povos da *Hispania Céltica*, sobretudo na Meseta Ocidental. Ela traduziria o sentimento zoolátrico da população indígena. Este imaginário alarga-se a outras representações iconográficas, como a das figuras equestres (*PONTE 29*) e as que representam cenas venatórias (*PONTE 30*). Todas elas representam o universo sócio-económico, político e religioso de vários grupos célticos e celtibéricos peninsulares.

Parece-nos importante o significado iconográfico e simbólico das fíbulas de *jinete e cavalito* peninsulares, evidenciando o papel relevante da ourivesaria ao serviço das elites equestres indígenas, para além do seu uso como *objectos de prestígio* sócio-políticos, pelos *equites* durante *LA TÈNE III*⁸. Por seu turno, as *fíbulas de longo travessão sem es-*

⁸ SILVA, A. C. F., *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986 (pp. 272-279); MARTINS, M., *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Médio Cávado*, *Cadernos de Arqueologia*, 1990 (5).

pira (PONTE 37-Ponte 39), a par de novos modelos proto-romanos de *La Tène III* (PONTE 34 a PONTE 36) apresentam progressos tecno-morfológicos, que concorreram para uma gama qualitativa e diversificada de fíbulas durante o período romano. Alguns pormenores técnicos e decorativos inspiram-se em jóias de ouro, sobretudo no que concerne à gramática decorativa de remates dos *torques* e *lúnulas*⁹.

É, assim, nesta ambiência de celtiberização e de ocupação romana da Península, que emergem novos factores de modernidade na olaria e metalurgia (Mapa V = PONTE 36a a PONTE 36c; PONTE 37-38; PONTE A40a a PONTE A40d; PONTE B40a-B40b; PONTE D40a; PONTE 41.1a a PONTE 41.3; PONTE 42a a PONTE 42e; PONTE 43.1-43.2; PONTE 44.1; PONTE 45.1-45.2; PONTE 46.1; PONTE 47.1-47.2; PONTE 48.1; PONTE 49.1; PONTE B51.1-B51.2; PONTE C52.1).

A rede de *oppida* no território actualmente português, sobretudo os do Norte de Portugal¹⁰, revelam pela sua cultura material a persistência dos laços comerciais existentes entre o mundo celtibérico, os produtores mediterrânicos e o da Europa Atlântica. Há de facto na metalurgia e na ourivesaria padrões típicos de celtiberização, que influenciam, a par de influências exógenas, a produção de certos objectos de adorno (torques, *viriae*, braceletes espiraliformes, fivelas de cinturão, arrecadas, fíbulas, etc.). Os motivos e as técnicas de fabrico desses adereços manifestam-se particularmente nas fíbulas de *LA TÈNE III*, entre os sécs. II – I a. C.

Os motivos decorativos do arco e do apêndice caudal *adossado* (PONTE 34) ou *fundido* (PONTE 37) ao dorso do arco reflectem os recursos técnicos dos *oppida* célticos ou celtibéricos; por outro lado, a técnica e a mecânica de construção da mola bilateral e gancho (PONTE 45.1a), com placa rectangular ou cilíndrica (PONTE 39a) e da mola de charneira, como as fíbulas de *Longo Travessão Sem Espira* (PONTE 39b), são representativas das áreas culturais celtibéricas da Península Ibérica. Digamos que estas últimas produções apresentam afinidades cronotecnomorfológicas com alguns modelos zoomórficos dos finais do séc. II – I a. C. (PONTE 30 e PONTE 31).

⁹ SILVA 1986, p. 316.

¹⁰ FARIÑA BUSTO, F., As Fíbulas de Longo Travessão Sem Espira nos Castros Galegos, *Boletín Auriense*, Orense, 1979, (9), pp. 27-49; SILVA 1986, p. 191.

Este vasto universo de fíbulas de mola bilateral e de charneira do período de La Tène III/alvores do domínio romano, revelam indícios de mudança organizativa das comunidades regionais, tornando-se mais urbanas e organizadas segundo hábitos trans-regionais e universalistas. Por outro lado, a peculiaridade de fabrico da maioria destas fíbulas (PONTE 34 – PONTE 35; PONTE 37 a PONTE 39) revela uma vitalidade interna destas comunidades peninsulares antes da chegada dos romanos. O perfil destas fíbulas hispano-romanas sugerem um fabrico local peninsular.

A diversidade de modelos de La Tène III é bastante profícua revelando a existência de núcleos de produção local ou de produtos metálicos de importação, imitação e de produção regional mais generalizada.

As produções *Pseudo-La Tène II* (PONTE 34 – PONTE 36), denotam um forte dinamismo económico das comunidades dos *castella* e *populi* do território português, quer através dos circuitos comerciais, quer mediante o fluxo de mercadores ambulantes que traziam na sua bagagem *items* de prestígio para a comunidade indígena.

Esta tendência acentuou-se com o afluxo de populações oriundas de outras regiões e com a romanização durante os sécs. II – I a. C. Os materiais galo-romanos tornaram-se no processo de aculturação da sociedade indígena, no estímulo cultural indispensável à inovação, ao consumo e renovação necessários à orgânica e vivência urbana.

Sucedem-se, então, trocas de experiências culturais entre as comunidades indígenas e as tropas romanas, no que concerne a novas fíbulas usadas na sua indumentária militar, sobretudo na técnica de construção da mola (mola de espiral e mola de charneira); referimo-nos concretamente à *mola bilateral gaulesa* (PONTE 40) e à charneira romana (PONTE 41 e PONTE 42). A mola bilateral com 4 voltas, de corda interior ou exterior ao arco, generaliza-se com a expansão romana. As tropas romanas foram, no período de ocupação e pacificação da Península Ibérica, o veículo por excelência das fíbulas romanas, gaulesas, da Europa Central, Setentrional, Norte de África e das Ilhas Britânicas.

A criação de oficinas em vários sítios do universo romano (PONTE 42), a mobilidade de artífices, de viajantes e comerciantes concorreram necessariamente para a dispersão de modelos provenientes da Gália Cisalpina, do Norte de Itália ou da Europa Oriental.

O exército romano no decurso da governação do imperador Augusto foi determinante para a difusão de modelos itálicos, como os do fa-

bricante *AVCISSA* (*PONTE 42*), dando origem à produção em série de fíbulas fabricadas em oficinas locais ou regionais espalhadas pela Hispânia.

Esta produção era reclamada pelas comunidades romanas e romanizadas. Destacamos as fíbulas de tipo *AVCISSA* com o *sigillum DVRNACVS* e *SABINVS* (*PONTE 42*); o primeiro correspondente ao nome do fabricante de origem celta, enquanto que o segundo refere-se à onomástica gaulesa da 2ª metade do séc. I d. C. Esta amostragem revela-se bastante reveladora para a convergência de processos de circulação destes objectos, uns de natureza económica e outros militar.

Surgem novas concepções tecnomorfológicas extra-peninsulares, sobretudo veiculadas pelas tropas do *limes*, como as diversas variantes de tipo *AVCISSA*, destinadas a fixar os fortes *sagum* usados nas zonas mais acidentadas da Europa Central e dos Alpes Ocidentais, durante os sécs. I – II d. C. É provável que as fíbulas com marca de fabricante pudessem estar relacionadas com uma dada rede de produção e de consumo, nem sempre coincidente com as diferentes economias locais e regionais.

As fíbulas de tipo *BAGENDON* (*PONTE 43*) e *ITURISSA* (*PONTE 44*) são réplicas muito frágeis dos modelos robustos da Europa Central e da Itália Setentrional. Estas e outras peças similares, tal como as anteriores, passam também a figurar na indumentária civil.

A par destas produções hispano-romanas há uma categoria de fíbulas *sui generis*, dada a sua complexidade tecnomorfológica (*PONTE 45*): é designada por fíbulas de tipo *Cauda de Pavão*. A sua morfologia e a sua dispersão no mundo romano sugerem uma análise sustentada nos vários fabricos conhecidos na Gália Meridional, Panónia e Normandia. Parece corresponder a um grupo ou grupos sociais com ligação ao poder político, social ou religioso.

A desagregação do mundo romano, a defesa militar e o atrofiamento espacial dos núcleos urbanos do território actualmente português manifesta-se no tipo, natureza e qualidade da cultura material.

As fíbulas em *P* (*PONTE 46 – PONTE 49*) reflectem durante três centúrias (séc. III-V d. C.) dois fenómenos simultâneos: 1.º – a importação de um núcleo homogéneo de fíbulas, de carácter militar, veiculadas pelas migrações bárbaras na Gália Meridional e Península Ibérica; 2.º – reprodução de protótipos exógenos nas oficinas peninsulares.





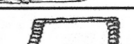







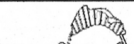
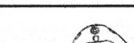
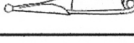
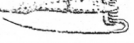







Os exemplares portugueses (*PONTE 46 – PONTE 49*) fazem suspeitar que estaríamos na presença de modelos de imitação, partindo de peças trazidas pelas famílias abastadas, pelos legionários no activo e na reserva.

Por fim, as fíbulas de *aro aberto* (*PONTE 50*) e as *anulares romanas* ou em *ómega* (*PONTE B51 e PONTE C52*) assinalam o intenso tráfego comercial e propagandístico entre a Hispânia e as outras comunidades extra-peninsulares, através das vias terrestres e fluviais dominadas pelos Romanos. Destacam-se numas e noutras factores técnicos de procedência peninsular (*PONTE A50 a PONTE C52*).
























Este estudo engloba um vasto grupo de fíbulas existentes em várias instituições museais, desde o Bronze Final até à decadência do mundo romano em Portugal.

A carência de dados cronológicos seguros, os poucos documentos etno-arqueológicos, epigráficos e literários para as áreas territoriais do interior não nos permitem traçar em rigor, o grau de assimilação cultural, o tipo de industrialização metalúrgica nos povoados fortificados, nos *oppida* e nas *civitates* do actual território português. Por outro lado, há uma outra questão associada a estes objectos de adorno, sem que haja logrado respostas satisfatórias para o seu fabrico maioritariamente de bronze e, mais raramente, em metais nobres. Afigura-se como mais provável que as produções de prata e de ouro teriam sido bens de prestígio e que teriam conduzido aos chamados “tesouros”.








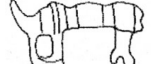










Por fim, pretendeu-se reunir neste estudo sobre as *Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal* uma estrutura sincrónica e sequencial para os diferentes ritmos culturais da complexa geografia humana, que usou as múltiplas fíbulas achadas em solo português, desde o Bronze Final às invasões germânicas.

Quadro Sinóptico				Correspondência							
Peça	Tipo	Nome Usual	Cronologia	CUAD.	Duval	Ettl	Feugère	Fowl	Lacabe	Riha	Sch
	Ponte 1 a	Cotovelo	1100 – 940 a. C.		Nº 313						1a-1b
	Ponte 1 b	Cotovelo	2ª met. do Séc. X a. C. – finais do 1ª met do VIII c. c.		Nº 312						
	Ponte 1c	Cotovelo	2ª metade do VIII a. C. – Séc. VII a. C.		Nº 3413						1 b/c
	Ponte 2	Sem Mola	2ª metade do Séc. IX a. C. – meados do VIII a. C.								
	Ponte 3 a	Dupla Mola	Finais do IX - inícios do VIII a. C. – VII a. C.								2a
	Ponte 3 b	Dupla Mola	Séc. VII a. C. – VI a. C.								2b
	Ponte 3 c	Dupla Mola	Séc. VI - V a. C.								2c
	Ponte 3 d	Dupla Mola	Sécs. V – IV a. C.								2d
	Ponte 4	Sanguessuga	Sécs. VIII – VII a. C./inícios do VI a. C.		Nº 23114						8
	Ponte 5	Arco Pleno	2ª met. Séc. IX a. C. – inícios do VII a. C.		Nº 2221						
	Ponte 6	Arco Simples c/ disco em espiral	2ª met. Séc. IX – finais do VIII a. C.		Nº2241 tipo grego						
	Ponte 7	Arco losangonal c/ apênd. laterais	Séc. VII a. C. – 1ª met. do Séc. VI a. C.		Nº 23221						
	Ponte 8 a	Alcores	Finais do IX a. C. – inícios do VIII a. C.								2f
	Ponte 8 b	Alcores	Séc. VIII a. C.								2f
	Ponte 9 a	Acebuchal	Séc. VII a. C. – VI a. C.								4c
	Ponte 9 b	Acebuchal	Séc. VII a. C. – VI a. C.								4c
	Ponte 10 a	Bencarron	Inícios ou meados do Séc. VIII a. C.								4b
	Ponte 10 b	Bencarron	Meados do Séc. VIII a. C. – inícios do VII a. C.								4b
	Ponte 11 a	Golfo de Leão	Meados do Séc. VII a. C. – VI a. C.								4c
	Ponte 11 b	Golfo de Leão	Meados do Séc. VII a. C. – VI a. C.								4c
	Ponte 12 a	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. V a. C. – 1º met. do II a. C.	2 e							
	Ponte 13 a	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. VI a. C. – inícios do V a. C. – III a. C.	4a							
	Ponte 13 b	Anular Hispânica	Séc. IV – II a. C.	4b							










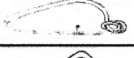













Quadro 1a – Quadro tipológico de fibulas e correspondências morfológicas

Quadro Sinóptico				Correspondência							
Peça	Tipo	Nome Usual	Cronologia	CUAD.	Duval	Ettl	Feugère	Fowl	Lacabe	Riha	Sch
	Ponte 13 c.1	Anular Hispânica	Séc. V a. C. – finais do IV a. C.	4 c							
	Ponte 13 c.2	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. V a. C. – finais do IV a. C.	4 c							
	Ponte 13 d.1	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. VI a. C. – finais do IV a. C.	4 f							
	Ponte 13 d.2	Anular Hispânica	Meados do Séc. V a. C. – finais do IV a. C.	4 f							
	Ponte 13 e	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. III a. C. – meados do I a. C.	4 g							
	Ponte 14 a	Anular Hispânica	Inícios do Séc. VI a. C. – finais do IV a. C.	9 a							
	Ponte 14 b	Anular Hispânica	Inícios do Séc. V a. C. – Finais do IV a. C.	9 b							7
	Ponte 15 a	Anular Hispânica	Séc. VI a. C. – 1ª met. do IV a. C.	10 a							
	Ponte 15 b	Anular Hispânica	Séc. V a. C. – 1ª met. do II a. C.	10 c							
	Ponte 16 a	Anular Hispânica	2ª metade do Séc. VI a. C. – inícios do IV a. C.	11							
	Ponte 16 b	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. VI a. C. – finais do IV a. C.	11							
	Ponte 17 a	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. VII a. C. – finais do VI a. C.	12							
	Ponte 17 b	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. VII a. C. – inícios do V a. C.	12							
	Ponte 17 c	Anular Hispânica	Início do Séc. VII a. C. – finais da 1ª met. V a. C.	12							
	Ponte 18 a	Anular Hispânica	2ª met. do V a. C. – meados do III a. C.	13							
	Ponte 18 b	Anular Hispânica	Inícios do V a. C. – finais do III a. C.								
	Ponte 19	Anular Hispânica	Finais do VII a. C. – finais do V a. C.								
	Ponte 20	Anular Hispânica	Meados do Séc. VII a. C. – 1ª met. do Séc. V a. C.								
	Ponte 21 a	Anular Hispânica	2ª met. do Séc. VII a. C. – finais 1ª met. do V a. C.	16							
	Ponte 21 b	Anular Hispânica	Finais do Séc. VI a. C. – finais do V a. C.	16							
	Ponte 22 a	Sabroso	2ª met. do Séc. VII a. C. – III a. C.								4 d
	Ponte 22 b	Sabroso	Finais do VII a. C. – III a. C.								4 d
	Ponte 23	Sta. Luzia	Finais do VIII a. C./inícios do VI – inícios do I a. C. (?)								4 b/d


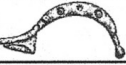



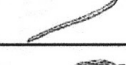



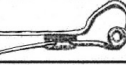



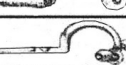




Quadro 1b – Quadro tipológico de fibulas e correspondências morfológicas

Quadro Sinóptico				Correspondência					
Peça	Tipo	Nome Usual	Cronologia	Angoso/ Cuadrado	Cabré/ Moran	Cerdeño/ Cabanes	CUAD.	Gorbea/ Ortiz	Sch
	Ponte 23/32	Meseta	Finais do VIII/inícios do VI a. C. – início do Séc. I a. C. (?)						4 f
	Ponte 24 a	La Tène I	2ª met. do Séc. VII a. C. – 1ª met. do V a. C.		Grupo II.a		3a		4 i/a
	Ponte 24 b	La Tène I	Finais do Séc. VIII a. C. – finais do III a. C.		Grupo III.a		3b		4 i/b
	Ponte 24 c	La Tène I	Início do Séc. V a. C. – finais do III a. C.		Grupo III.b		3c		4 i/c
	Ponte 25	La Tène I	Meados do Séc. VI a. C. – Inícios do IV a. C. (?)						
	Ponte 26	La Tène I	Meados do Séc. IV a. C. – Inícios do II a. C.						
	Ponte 27	Zoomórfica	Finais do Séc. V a. C. – Finais do I a. C.		IV/b				
	Ponte 28/2 d	Zoomórfica	Finais do Séc. IV a. C. – Finais do I a. C.			II/d			6c
	Ponte 29.2	Zoomórfica	Finais do Séc. IV a. C. – Finais do I a. C.						6a
	Ponte 30.3	Zoomórfica	Finais do Séc. II a. C. – Inícios do I d. C.	Tipo I.5				Tipo I.3	
	Ponte 31	Zoomórfica	Séc. I a. C. – 1ª metade do I d. C.						
	Ponte 32 a	Transmontano	Finais do VI a. C. – 1ª metade do I d. C. (?)						4h
	Ponte 32 b	Transmontano	Finais do VI a. C. – 1ª metade do I d. C. (?)						4h
	Ponte 32 c	Transmontano	Finais do Séc. VI a. C. – Finais do Séc. I d. C.						4h
	Ponte 33 a	Meseta	Finais do VII a. C. – Inícios do IV a. C.						4d/c
	Ponte 33 b	Meseta	Finais do Séc. VI a. C. – meados do III a. C.						4h
	Ponte 34	La Tène II - III	2ª metade do Séc. III a. C. – 1ª met. II d. C.						4 i/e
	Ponte 35	La Tène III	Séc. II a. C. – meados do Séc. I a. C.					Tipo II.2	




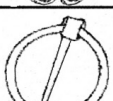
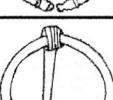

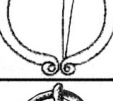

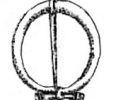


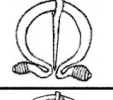
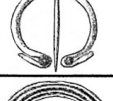
Quadro 1c – Quadro tipológico de fibulas e correspondências morfológicas

Quadro Sinóptico				Correspondência							
Peça	Tipo	Nome Usual	Cronologia	Alm	EtrI	Feugère	Fowl	Lacabe	Rey-Vodoz	Riha	Silva
	Ponte 36a	La Tène III	Finais do Séc. II a. C. – Inícios do II d. C.		2	2a.1		3.1		1.3	
	Ponte 36b	La Tène III	Finais do Séc. II a. C. – Inícios do II d. C.	1	3	3b.1a		3.2	1.4.1	1.4	
	Ponte 36c	La Tène III	Finais do Séc. I a. C. – Meados do I d. C.		5	3b - 2b/c			1.4.2		
	Ponte 37	La Tène III	2ª met. do Séc. I a. C. – Inícios do II d. C.	65	7	6b					
	Ponte 38	La Tène III	Séc. I a. C. – Inícios do Séc. II d. C.		8	8					
	Ponte 39a	La Tène III	Meados do Séc. III a. C. – Inícios do I d. C.								Var. A
	Ponte 39b	La Tène III	Meados do Séc. III a. C. – Inícios do I d. C.								Var. B
	Ponte A40a	NAUHEIM	Finais do Séc. II a. C. – Inícios do I d. C.	15	7	4/5		6/8	1.1	1.1	
	Ponte A40b	NAUHEIM	Séc. I a. C. – Meados do II d. C.	15	7	5b.2a		7.2a			
	Ponte A40c	NAUHEIM	Meados do Séc. I a. C. – 1ª met. do III d. C.	15	7	5b.2b		7.3d			
	Ponte A40d	NAUHEIM	Finais do Séc. I a. C. – Inícios do III d. C. (?)	15	7	5b.3		7.4			
	Ponte B40a	NAUHEIM	Meados do Séc. I a. C. – Finais do Séc. II d. C.	16		12.a		13.2			
	Ponte B40b	V. NAUHEIM	Meados do I a. C. – 1ª met. do III d. C.	16		12.a					
	Ponte C40	V. NAUHEIM	2ª met. do I d. C. – Séc. II d. C.								
	Ponte D40	V. NAUHEIM	2ª met. do Séc. I d. C. – Séc. II d. C.								
	Ponte 41.1a	Charneira Triangular	2ª met. do Séc. I a. C. – Inícios do II d. C.		28			19.1a			
	Ponte 41.1b	Charneira Triangular	2ª met. do Séc. I a. C. – Inícios do II d. C.			21.b1		19.2			
	Ponte 41.2a	Charneira Triangular	Finais Séc. I d. C. – Inícios do II d. C.			21.b1		19.1b			
	Ponte 41.3a	Charneira Triangular	Finais do Séc. I a. C. – Inícios do II a. C. (?)			21.b1		19.3			
	Ponte 42.a	AUCISSA	Meados do I a. C. – Inícios do II d. C.	242	29	22.a/1		20.1	5.2	5.2	
	Ponte 42.b	AUCISSA	Meados do I a. C. – Inícios do II d. C.	242	29	22.a/b		20.2/ 20.4	5.2	5.2	
	Ponte 42.c	AUCISSA	2ª met. Séc. I d. C. – Inícios do II d. C.	242	29	22.b1		20.3	5.2	5.2	
	Ponte 42.d	AUCISSA	2ª met. do Séc. I d. C. – 1ª met. do Séc. II d. C.	242	29	22.b2		20.5	5.2	5.2	

Quadro 1d – Quadro tipológico de fibulas e correspondências morfológicas

Quadro Sinóptico				Correspondência							
Peça	Tipo	Nome Usual	Cronologia	Alm	Böhme	Etl	Feugère	Hull	Lacabe	Rey-Vodoz	Riha
	Ponte 42.e	AUCISSA	2ª met. do Séc. I d. C. – Inícios do II d. C.	242					23.1		
	Ponte 43.1	BAGENDON	Séc. I d. C.			30	22d	Bangendon A	21.2		5.4
	Ponte 43.2	BAGENDON	2ª met. do Séc. I d. C.			31	22.e	Bangendon B e C	22.4		5.3
	Ponte 44.1a	ITURISSA (?)	2ª met. do Séc. I – II d. C.				22.b2		25		
	Ponte 45.1a	Cauda de Pavão	2ª met. do I a. C. – Finais do I d. C.								
	Ponte 45.1b	Cauda de Pavão	Finais do I a. C. – Finais do I d. C.			25A	15a		16.1		
	Ponte 45.1c	Cauda de Pavão	Séc. I d. C.			24	19.a1		16.2	4.5.1	4.5.1
	Ponte 45.2a	Cauda de Pavão	Séc. I d. C.				16.a1				
	Ponte 45.2b	Cauda de Pavão	Séc. I d. C.				19.a1				
	Ponte 45.3a	Cauda de Pavão	Séc. I d. C.				19.a2				
	Ponte 46.1	Pseudo-Augenfibel	Séc. II – III d. C.								
	Ponte 47.1a	Krägenfibel	Finais do III d. C. – V d. C.				31.a				
	Ponte 47.1b	Krägenfibel	Finais do III d. C. – V d. C.				31.a				
	Ponte 47.2a	Krägenfibel	2ª met. do Séc. III – V d. C.				31.a				
	Ponte 48.1a	BügelKnopfibel	Finais do Séc. III – meados do VI			27	31.a		55		
	Ponte 48.1b	BügelKnopfibel	Finais do Séc. III – meados do VI			27	31.b		55		
	Ponte 48.1c	BügelKnopfibel	Finais do Séc. III – meados do VI			27	31.c		55		
	Ponte 49.1a	Pseudo-Kreuzbal Kenscharnierfibel	Finais do Séc. III d. C. – 2ª met. do Séc. VI d. C.								

Quadro 1e – Quadro tipológico de fibulas e correspondências morfológicas

Quadro Sinóptico				Correspondência						
Peça	Tipo	Nome Usual	Cronologia	Alm	Ettl	Feugère	Fowl	Lacabe	Rey-Vodoz	Riha
	Ponte A50.1a	Anular Romana	Finais do Séc. IV a. C. – II a. C.				Aa			
	Ponte A50.2a	Anular Romana	Finais do Séc. IV a. C. – II a. C.				A1			
	Ponte B51.1a	Anular Romana	Finais do Séc. II a. C. – Finais do I d. C.			30	B		8.1	8.1
	Ponte B51.1b	Anular Romana	Finais do Séc. II a. C. – Finais do I d. C.				B1	35.1b		
	Ponte B51.1c	Anular Romana	Finais do Séc. II a. C. – Finais do I d. C.				B1	35.1.a3		
	Ponte B51.1d	Anular Romana	Finais do Séc. II a. C. – Finais do I d. C.			30.e.2	B1	35.1b.3		
	Ponte B51.1e	Anular Romana	Finais do Séc. II a. C. – Finais do I d. C.				B1	35.1d		
	Ponte B51.2a	Anular Romana	Inícios do Séc. I d. C. – IV d. C.				B2	35.1d		
	Ponte B51.2b	Anular Romana	Inícios do Séc. I d. C. – IV d. C.				B2	35.1.a.2		
	Ponte B51.2c	Anular Romana	Inícios do Séc. I d. C. – IV d. C.			30c/1a	B2	35.1b.1		
	Ponte B51.2d	Anular Romana	Inícios do Séc. I d. C. – IV d. C.			30c.2	B2	35.1.a.2		
	Ponte B51.2e	Anular Romana	Inícios do Séc. I d. C. – Inícios do VI d. C.			30d.2	B2			
	Ponte C52.a	Anular Romana	Inícios do Séc. I d. C. – Inícios do VI d. C.			30f	C	35.2.a.2		

Quadro 1f – Quadro tipológico de fibulas e correspondências morfológicas